

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☒

Nº. de referência: 2

Título: "ESTAVA ESCRITO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): NAVARRO, JUDITH

Adaptador: °

Realizador: VALE, JOSE

Locutor: °

Data de produção: 17/2/1976

Data de Emissão: 23/2/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
NORBERTO BARROCA	HOIEM
MARIANA VILAR	MULHER
ALVARO FARIA	RAPAZ
FERNANDO NASCIMENTO	HOIEM NOVO
TERESA MÓNICA	RAPAIGA

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒ Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Edes

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIREÇÃO ARTÍSTICA - JORGE VALE

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º <u>50</u>	PROGRAMA _____
DATA DE ENTRADA <u>17 FEV 1976</u>	EMISSÃO DE ____/____/____
PEDIDO DE GRAVAÇÃO A GRAVAR EM ____/____/____	____ - ____ HORAS
HORA _____	VISTO
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

" ESTAVA ESCRITO "

um Original de

Judith Navarro

Personagens:

Homem

Mulher

Rapaz

Homem Novo

Rapariga

"ESTAVA ESCRITO"

UM ORIGINAL DE JUDITE NAVARRO

(Ambiente de esplanada perto do mar. Discreto arrastar de cadeiras, rumor de copos, chávenas, risos e conversas em 2º. plano. Fundo musical e um leve bater de ondas.)

HOMEM - (meia idade, seguro de si, alegre) - Desculpe-me, minha senhora...mas tenho a impressão de que nos conhecemos...de que nos encontramos já...

MULHER - (voz grave, serena, segura) - Sim, talvez...é natural...o mundo é tão pequeno...

HOMEM - E não foi há muito tempo, suponho...Tenho a impressão...(outro tom) Importa-se que me sente à sua mesa ? Ou estarei a ser impertinente ?

MULHER - (vivamente, mas sem entusiasmo) - De modo nenhum...faça favor.

HOMEM - **Há sempre um grande movimento**. aqui...(arrastar de cadeira) Com licença...Não se pode conversar...(risinho) É o inconveniente dos bares ao ar livre...As conversas misturam-se aos risos das crianças, ao rumor dos carros ,e, no caso presente , ao som dos toldos e do mar...

MULHER - Rumor agradável de ouvir...cheio de vida...

HOMEM - Tem razão, minha senhora...No entanto esta esplanada ainda é das mais tranquilas...principalmente a partir deste momento aproxima-se a hora do jantar...(outro tom) Mas, como já dizem, tenho a impressão de que nos encontramos em Paris...Estarei enganado ? Permaneci dois meses nessa magnífica cidade...

MULHER -Deve ter sido, sim...Cheguei ontem, precisamente, de Paris.

Mo/

HOMEM - Que coincidência! Bem me queria parecer que a sua cara não me era estranha ! (Com vivacidade) Não tenho uma memória prodigiosa, mas...deixe ver...devo tê-la encontrado ainda há poucos dias...em qualquer parte...(risinho, depois de uma pequena pausa) Não sei onde...não posso precisar...

MULHER- (atalhando tranquilamente) - Eu lembro-me...Foi num ajuntamento...num dia assinalado.

HOMEM - (indeciso) - Num dia assinalado? Num dia assinalado? (risinho) ajude-me, por favor! Não perdão a mim mesmo, ter esquecido esse dia...

MULHER - Foi quando mataram o banqueiro...

HOMEM - (recordando, com vivacidade) Agora! Agora, sim! Foi nessa altura! Em plena rua! É extraordinário! Foi um pânico! E a senhora ...

MULHER- (atalhando) Eu estava por detrás dele...

HOMEM - Recordo-me perfeitamente, agora! Atravessou a rua naquele instante...no momento em que a bala atingiu o desgraçado...(outro tom) coincidência curiosa! Passámos ambos um mau bocado, num local tão distante...e, agora, viemos encontrar-nos aqui.. neste ambiente de paz...

MULHER - É verdade...

HOMEM - O homem caiu na sua frente ! Agora compreendo porque não me era desconhecida a sua cara, a sua expressão...(hesita) Como direi ? Serena...enigmática...um pouco imóvel...

MULHER - (suávemente)- Marcada pelo destino...Estou familiarizada com estes dramas...

HOMEM - É médica ? Enfermeira ?...

Mo/

MULHER - Ah! Não! A minha profissão é de origem simbólica...provém de um mito!

HOMEM - (admirado, risonho) - Ah! muito interessante...(outro tom) que quer tomar? O chá que tem na chávena arrefeceu...não lhe tocou...Talvez lhe apetecesse qualquer outra bebida.

MULHER - Não, pelo contrário...gosto de chá frio...Ia até pedir um pouco de gelo...

HOMEM - (atencioso) Desculpe a minha falta de atenção! Manda-se vir já!
! (outro tom, chamando) Rapaz!

RAPAZ - (distante) - Um momento, senhor...(arrastar de cadeiras, vozes distanciando-se)

HOMEM - (em tom baixo, atencioso) Não quer tomar qualquer outra coisa, realmente?

MULHER - Não, obrigado...Só o chá, com um pouco de gelo.

HOMEM - (outro tom) Começa a debandada...(o rumor das conversas esmorece. Só se ouve, um discreto passar de carros, ao longe, e o rumor do mar)

RAPAZ - (desculpando-se) O senhor desculpe não ter vindo logo, mas estava a fazer as contas daquelas mesas...

HOMEM - Traz gelo para a senhora...para mim, um uísque

RAPAZ - Só gelo? Para a senhora?

MULHER - Sim...

HOMEM - Não sei se estarei a incomodá-la...Mas...fiquei encantado...e se não há inconveniente...

MULHER - Não há inconveniente nenhum...por favor! Também eu fiquei encantada!

HOMEM - (seguro de si, afável) - Somos dois compatriotas, numa terra estrangeira...Não sei se lhe tem acontecido sentir-se isolada, em certos momentos...(outro tom) Viaja muito?

MULHER - Frequentemente...nunca páro muito tempo no mesmo sítio!

HOMEM - Mas...para se distrair, ou por deveres de profissão?

MULHER - (brandamente) - Bem...junto o útil ao agradável...

HOMEM - (pensativo) - Muito interessante...Sim...muito interessante...
(passos e rumor de copo)

RAPAZ - O gelo para a senhora...(cair de gelo no copo)

MULHER - Pode deitar na chávena...é para arrefecer o chá! Gosto de tudo bem gelado...(rumor de gelo a cair na chávena) Adoro o frio! (outro tom) Obrigada...(rumor de líquido, num copo e cair de gelo)

HOMEM - A temperatura arrefeceu...não tem razão de queixa...

MULHER - Não tenho, realmente...Mas eu nunca sinto o frio...

HOMEM - Conforme...Há pouco senti um arrepião...uma antecipação do Outono...(risinho) Na minha terra, quando alguém sente estes arrepios injustificados, dizem que é a morte que passa junto de nós! (outro tom) coisas do povo...Que não deixam de ter fundamento, se o arrepião anunciar uma gripe valente!

MULHER - (pensativa) A voz do povo, é a voz de Deus!

HOMEM - Acredita nessa fantasia? (rindo) Não me diga! A morte é uma coisa apavorante!

MULHER - Acha?

HOMEM - Penso, pelo menos...E quando mais tarde vier, melhor!

Mo/

MULHER - (Suspirando) - Uma opinião... Nem todas as pessoas pensam do mesmo modo...

HOMEM - De certo! Mas a vida é bem mais interessante! Repare! Começamos-nos há instantes... e aqui estamos, num agradável convívio... saboreando o prazer de uma conversa amena, que não teria tido lugar, se não fosse o imprevisto da vida! A vida maravilhosa que torna o mundo pequeno! (Com entusiasmo) Não imagina o prazer que tenho na sua companhia!

MULHER - Fico-lhe imensamente grata por isso... É triste sentirmo-nos indesejáveis... repudiadas por toda a gente...

HOMEM - Oh! sim de certo! Mas, no seu caso... (outro tom) Mais uma chávena de chá?

MULHER - Por hoje, basta...

HOMEM - E o cigarro?

MULHER - Obrigado, não fumo...

HOMEM - Incomoda-a o fumo? Não? Muito bem... (acender de isqueiro)

MULHER - (risonha) Há-de parcer-lhe estranho que uma mulher tão viajada como sou, não beba nem fume...

HOMEM - Oh, não... Cada um tem os seus hábitos! (outro tom) O mundo é pequeno, realmente... Veio, então de Paris?

MULHER - Sim... tinha um encontro aqui... em Nápoles.

HOMEM - É uma terra encantadora. Nápoles! A vivacidade desta gente é comunicativa... Falam com as mãos, com os olhos, com o corpo todo!

MULHER - Temperamento latino...

HOMEM - Mais acentuado aqui... (outro tom) Gosta de Nápoles, não é assim? (afastado, ouve-se uma canção napolitana)

MULHER - (vagarosamente) - Imenso... Fico radiante quando os meus deveres profissionais me obrigam a passar por Naples...

HOMEM - (indeciso, curioso) Não quero ser indiscreto, mas... a sua profissão...

MULHER - (atalhando, vivamente, mas sem elevar a voz) Oh, Não falemos, agora da nossa profissão... Aproveitemos, antes, este curto espaço de tempo... ouvindo a bonita canção napolitana! São maravilhosas as canções da Itália!

HOMEM - Disponho de todo o meu tempo... (risonho)

MULHER - (serenamente) - Sim... mas um tempo é uma pequeníssima parcela do infinito... passa depressa...

HOMEM - (galanteador) - Junto de sim...

MULHER - Não duvido...

HOMEM - Diz isso com ironia, ... Não acredita ?

MULHER - (risonha) Acredito que seja assim... piamente!

HOMEM - (suspirando) - Naples, uma mulher enigmática... melodias românticas... Também sou um admirador de melodias românticas! Estou de acordo consigo... (outro tom) Paris! É interessante! Voltando a falar de Paris, recordo agora, mais nitidamente, o momento do nosso encontro... O banqueiro morreu, instantaneamente... Não houve ninguém que pudesse evitar aquilo!

MULHER - Era inevitável...

HOMEM - Inevitável ?

MULHER - Estava sentenciado...

HOMEM - (meio risonho) A lei dos homens é falível...

Mo/

MULHER- Não me refiro à lei dos homens...

HOMEM - Foi ela que o condenou...

MULHER - Seria inútil, se o fim desse homem não estivesse determinado pelo destino...

HOMEM - (incrédulo) - Não me diga que acredita nisso!

MULHER - Em quê ?

HOMEM - No destino! Na hora previamente marcada para o fim da nossa vida!

MULHER - O senhor não acredita ?

HOMEM - Ah, não! O banqueiro morreu, porque era um perseguido político! Apareceu um fanático e deu-lhe um tiro! Pronto! É a explicação lógica, que nada tem de estranho! Morreu naquele dia, como podia não ter morrido, se a bala não o atingisse...

MULHER - (pensativamente) - Se a bala não o atingisse...Mas quem lhe diz a si, meu caro senhor, que a trajectória dessa bala não foi determinada, ponto por ponto, desde o início da vida do banqueiro?

HOMEM - Supersticiosa ?

MULHER - (meio risonha) Resignada...com o meu próprio destino...Nada me surpreende sobre a face da terra! Sabe que a dúvida e a descrença provêm, geralmente, da má visão...da observação errada de quem duvida ?
(gente que se aproxima e afasta: risos, discretos, em 2º plano. Arrastar de cadeiras e o som dos toldos e do mar)

HOMEM - Gente moça que se diverte...

HOMEM JOVEM- (Aproximando-se) Os senhores precisam desta cadeira?
Mo/

HOMEM - Não...pode levar...

HOMEM novo- (risonho) obrigado...(alto) Querem ficar aí ?

RAPARIGA-(ao fundo) Dêsse lado faz muito frio! (risos e rumor de conversa, ao longe)

MULHER- (em voz baixa) - Sempre o medo do frio...

HOMEM- (meio risonho) - E estão na força da vida...

MULHER- (pensativa) - Quem sabe ?

HOMEM - Mas... a propósito da nossa conversa de há pouco, eu só duvidar do que não se explica...o sobrenatural é equívoco...é, portanto, duvidoso e falso...

MULHER- Nem tudo pode estar ao alcance da compreensão humana...

HOMEM - O que nos dá direito a dúvidas...

MULHER - Duvidar é uma coisa, descrer, é outra!

HOMEM - (Risonho) - Dou-lhe por vencido, em parte...

MULHER - Como pode afirmar que o sobrenatural é falso?

HOMEM - Bem...É falso, até que deixe de o ser, por se ter verificado que o que parecia sobrenatural, não passa de um fenómeno invulgar, mas explicável...

MULHER - Há fenómenos que os homens não conseguirão nunca explicar... coisas vulgares, humanas, quotidianas...

HOMEM -Hum...Se são quotidianas e vulgares, são explicáveis!

MULHER -Aparentemente...(o rumor da gente moça, continua a ouvir-se, em 2º. plano)

Mo/

HOMEM - De qualquer forma...não são sobrenaturais.

MULHER - A minha presença, aqui, parece-lhe natural ?

HOMEM - (risinho) - Absolutamente! Como a minha ! Somos dois estrangeiros, dois turistas em Naples! Duas pessoas, afinal, que, a -pesar-de não se conhecerem, já se haviam encontrado, por coincidência, num outro país, numa outra cidade...

MULHER - (risinho) Coincidência, diz bem...

HOMEM - Coincidência invulgar, naturalmente, mas viável, concreta!

MULHER - Aqui, não foi coincidência...

HOMEM - (surpreendido) Não foi coincidência ?...(outro tom) E se nos afastássemos daqui ? Lá em baixo, está mais ameno...mais sossegado...esta balburdia de música e danga, atordoa...não deixa saborear o encanto de uma conversa, como a nossa...(moedas caindo sobre a mesa; arrastar de cadeiras)

(cresce o fundo musical e separador)

(o mar está mais próximo)

MULHER - (Suspirando) - É um paradoxo. Mas o silêncio da Natureza é sempre rumoroso...

HOMEM - (a meia voz) - Mas respira-se paz! (risinha) Coincidência ou determinação ?

MULHER - Perguntei-lhe há pouco se a minha presença lhe parecia natural. Respondeu-me que sim...Ainda bem que encara as coisas desse modo...No entanto, sempre lhe digo que a minha presença neste lugar, foi determinada...determinada, há bastantes anos...

HOMEM - (meio risinho, meio desconfiado) Estou intrigado! E a minha?
Mo/

MULHER - A sua, também...

HOMEM - (rindo) E...há ligação ?

MULHER - Por mais estranho que lhe pareça, há ligação!

HOMEM - Uma ligação misteriosa...sobrenatural...determinada?

MULHER - Sim...estava escrita no livro do seu destino...

HOMEM - (pensativamente) - Não acredito nessa maravilhasa predestinação! Não acredito, e sabe porquê ? Porque sempre duvidei, e com toda a razão, de predestinações! Vou contar-lhe, querida senhora e amiga, permita o tratamento familiar...vou contar-lhe o que me aconteceu, há precisamente cinco anos...Encontrava-me numa praia, em Espanha...e, em dado momento, apareceu-me uma cigana...Sabe como é? Quis ler-me a sina, dizer o futuro, etc...

MULHER - Curioso...

HOMEM - A mulher era velha. Tinha um aspecto desagradável. Não sei o que me levou a estender-lhe a mão. Mas, de súbito, arrependi-me da estupidez do gesto, e dei à mulherzinha duas moedas... duas pesetas, para que me deixasse em paz. Ela, olhou para mim por uns instantes, e sem mais preâmbulos disse-me: "Morrerás daquela cinco anos"...ou "tens cinco anos de vida"... "Não me lembra bem...foi isto, pouco mais ou menos. (risinho) Ri-me, e perguntei-lhe se morreria na cama ou de morte violenta...

MULHER - (gravemente) Curiosidade ou medo ?

HOMEM - (hesitante) Curiosidade...Ben vê...Já lhe disse que não acredito em patacadas deste género...Desculpe-me, se estou em de sacordo consigo. Esta gente vagabunda, é quando muito, boa psicóloga, mas não pode adivinhar o destino, assim, sem mais nem menos, na cara de uma pessoa...

MULHER - Seria, realmente, uma cigana, a tal mulherzinha?
No)

HOMEM - Porque razão pergunta isso?

MULHER - Suponho que a observou bem...

HOMEM - Sim...era uma cigana...pelo menos da aparência...

MULHER - (pensativamente) - Pelo menos na aparência...é a observação justa...

HOMEM - Não me diga que a banhece !

MULHER - (risonha) Já devemos ter cruzado os mesmos caminhos, não o duvide!

HOMEM - Não duvido, não! Essa raça corre pelo mundo! Mas sabe o que ela me respondeu, quando lhe perguntei se morreria na cama ou de morte violenta? Mesmo depois de eu lhe ter dado as duas pesetas ?

MULHER - Imagino !

HOMEM - (conta, com pequenas pausas)- "onde quer que estejas, a morte irá ao teu encontro" ...Foram estas, as palavras da velha cigana! E abalou! (risonho) Fiquei a olhar para a palma da mão, que ela só tinha visto de romance...para ver se desortinava alguma linha mais torcida...algum indício que se relacionasse com a estranha prescrição...mas, ao fim e ao cabo, ri de mim próprio, pois largara duas pesetas para ouvir aquela terrível e imaginária sentença!

MULHER - (suspirando) - A humanidade é cega ! A sentença não o preocupou...Tem sido um homem feliz!

HOMEM - Evidentemente! Terminaram hoje os cinco anos prescritos...e isso é que acho engraçado pela coincidência da conversa... (outro tom) E eu tenho andado por muitos lados. Tenho corrido muitos perigos. Viagem de barco, de automóvel, de avião...E a morte nunca quis nada comigo! Também nunca pensei no assunto, claro! Isto veio a propósito...a talhe de foice...

MO/

MULHER - (com a voz velada) A foice! É a carga mais pesada...E como tudo se enquadra! Como se ajusta...A minha história não é menos interessante, me simpático amigo! Há bastante anos,..Não sei quando, porque o tempo não conta para mim, recebi uma mensagem,ordenando,a minha vinda a Napoles, hoje, para cumprir uma missão...

HOMEM - (lisonjeado) - Abençoada a missão, que assim me deu o ensejo de a conhecer!

MULHER - (com ar suave e risonho) Sim...Estava à espera, havia uns momentos, quando o senhor apareceu...E creia que a sua demora principiava a inquietar-me...O livro não costuma sofrer enganos nas suas determinações...

HOMEM - (espantado) - Mas...não compreendo...

MULHER - É simples! Estava escrito que eu teria de vir aqui, neste mesmo dia, a este lugar, nesta mesma hora, ao encontro de um homem!...Eu sou a morte!....

(MÚSICA)

Mo/

FIM



FOLHA DE PRESENCAS

Título do programa

Ministério "Estava Escrito"

Referência

N./R.P.L. 1.0

N. S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação 23 de Fevereiro
da 1.ª emissão de

de 19~~76~~ à 9.15 horas.

de 19 Programa

Director artistico

Jorge Vale José Manuel Cruz Santos
 ENCO DO PROGRAMA

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Roberto Barroca Mariana Vilar Alvaro Faria Fernando Nascimento Teresa Monica	Homens mulheres Papas Homens novo Papariga	José Soares G. Villar F. F. F. Nascimento Teresa Monica

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1976